

*José Moreno*



# O que é ser anglicano



# José Moreno



# O que é ser anglicano

Copyright © 2009 by José A. Peraçoli Moreno

Impresso no Brasil / Printed in Brazil  
Belo Horizonte, junho/2009

Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer  
meio ou sistema sem o prévio consentimento do autor

As citações bíblicas são da NVI-Nova Versão Internacional,  
da Sociedade Bíblica Internacional.

**Correspondência com o autor:**

*E-mail:* bispo@anglicanalivre.org.br

**Igreja Episcopal Anglicana Livre**  
Rua Machado Nunes, 175 Salgado Filho  
30550-280 Belo Horizonte/MG  
Tels. 31. 4062-7631 / 3515-5198  
*Site:* <http://www.anglicanalivre.org.br>  
*E-mail:* anglicanalivre@gmail.com

“Descubra o que Deus está fazendo,  
faça parte e colabore”.

+Roberto McAlister



## *Nossas origens*

Ser anglicano é um jeito particular de ser cristão, diferente de ser evangélico-protestante, católico-romano ou ortodoxo-oriental. Há um *ethos*, um jeito de ser, com características bem específicas que nos distinguem dos demais cristãos, sem, entretanto, quebrar os laços de comunhão que unem os fiéis de todas as confissões denominacionais.

Os católicos romanos são fruto da Igreja que surgiu no começo do cristianismo no ambiente europeu continental. Os ortodoxos orientais descendem dos crentes do oriente, berço do cristianismo. Os evangélicos geralmente são oriundos do movimento da Reforma Protestante do século XVI. Cada uma dessas correntes religiosas tem a sua riqueza, o seu valor, com seus acertos e erros, e deve ser respeitada, mesmo que não se concorde com tudo o que ensina e pratica.

O que hoje é conhecido como *anglicanismo*, nasceu nas Ilhas Britânicas, constituindo-se desde os primórdios em uma Igreja autônoma e com caracte-

rísticas bem peculiares. Não há registros históricos precisos de como o cristianismo chegou lá, mas sabe-se que desde cedo a fé cristã estabeleceu-se entre os habitantes da Britânia, da Irlanda, da Escócia, do País de Gales, enfim, de toda a região que hoje compõe a Grã-Bretanha, certamente através de soldados romanos, comerciantes e escravos cristãos que participaram da colonização daquelas terras. De acordo com Gildas, cronista do século VI, já havia cristãos na Inglaterra no tempo do imperador Tibério, morto em 37 d.C. Há uma lenda que afirma que o fundador da Igreja na Inglaterra teria sido José de Arimateia, aquele que retirou o corpo de Jesus da cruz; mas nada se pode afirmar com certeza.

Segundo Tertuliano, morto por volta de 225 d.C., há uma clara evidência, datada de cerca do ano 200, de uma pequena comunidade cristã na Britânia. Em 314, três bispos britânicos estiveram no Concílio de Rimini, na Itália.

A Igreja inglesa desenvolveu-se entre os povos celtas, descendentes dos celtas da Gália (atual França), que chegaram à região entre os anos 900 e 500 a.C. Há grandes nomes do cristianismo celta: Ninian, sagrado bispo em 394; Patrício, sagrado bispo em 432; Columba (século VI), Brígida (século V); e muitos outros.

## *A fase romana*

Em 597, o papa Gregório Magno enviou à Inglaterra uma equipe de missionários liderada por Agostinho (não confundir com Agostinho de Hipona) para evangelizar os ingleses e conduzir à comunhão com Roma os que já eram cristãos na Inglaterra. Agostinho fundou uma igreja em Cantuária (Canterbury), a qual estava destinada a se tornar, muitos séculos depois, o centro do anglicanismo mundial, e foi sagrado bispo de Cantuária naquele mesmo ano.

Durante várias décadas, o cristianismo romano conviveu com o cristianismo celta, não sem muitas animosidades, até que, em 664, foi convocado o Sínodo de Whitby. Nesse sínodo histórico ficou decidido que a Igreja celta se submeteria a Roma, situação que perdurou até 1534, quando o rei Henrique VIII rompeu com a Igreja romana e se declarou “a suprema cabeça da Igreja da Inglaterra”.

## **O LOC**

Em 1549, o arcebispo Thomas Cranmer, de Cantuária, compôs o Livro de Oração Comum (LOC), o qual contém todos os ritos e cerimônias necessários à continuação e atualização do sacerdócio de Cristo

no mundo. Até hoje, revisto e atualizado, o LOC é o manual de liturgia das Igrejas anglicanas espalhadas por 164 países, em todos os continentes. Em janeiro de 2007, a nossa Igreja publicou o *Breviário do Livro de Oração Comum*, em português atual, adaptado à nossa realidade eclesial particular.

### *As Igrejas livres*

No século XIX, descontentes principalmente com os rumos tomados pelo movimento anglocatólico, alguns bispos da Igreja da Inglaterra entenderam que a Igreja estava outra vez sendo “romanizada” e decidiram desligar-se da Igreja estatal e organizar Igrejas livres, independentes da coroa britânica. A primeira Igreja livre foi reconhecida pelo governo britânico em 1917.

As Igrejas livres tinham como um de seus principais objetivos mostrar-se como Igrejas reformadas, protestantes, contrárias aos desvios doutrinários da Igreja medieval, então redivivos na Inglaterra, segundo sua óptica. Atualmente, as divergências já foram em grande parte superadas e muitas Igrejas livres fazem parte do movimento ecumênico mundial, o qual, sem ignorar as diferenças entre elas, quer unir as Igrejas cristãs no testemunho daquilo que todas

têm em comum e que está expresso no Credo dos Apóstolos e no Credo Niceno.

## *A IEAL*

No Brasil, somos a Igreja Episcopal Anglicana Livre (IEAL). A nossa comunhão formal não é com o arcebispo de Cantuária, mas com o reverendíssimo Michael B. Simmons, arcebispo da Igreja Anglicana das Américas, cuja sede fica no estado do Alabama, nos EUA.

## *Nossa identidade*

Nós somos anglicanos. Em nosso uso, o anglicanismo inclui, além de suas origens célticas, as influências patrísticas, a Igreja medieval, a reforma protestante, o avivamento evangélico de Wesley, o movimento de Oxford e a renovação carismática moderna.

Não há identidade a não ser a partir da memória que a história oferece. Além disso, a identidade de um povo, ou de uma Igreja, não é determinada pelo que seus amigos ou inimigos pensam ou dizem. Os seguidores de Cristo foram chamados cristãos pe-

la primeira vez em Antioquia (At 11.26), mas isso não representava simplesmente uma opinião que alguém tinha deles, mas a constatação inequívoca de sua identificação com o Ressuscitado. Assim, a IEAL será – ou não – celta, católica, anglicana, cristã, não porque seus simpatizantes ou detratores emitam suas opiniões sobre ela; a IEAL afirmará a sua identidade a partir da postura que adotar diante da história; e a própria história dirá às gerações futuras quem nós realmente somos hoje – e quem seremos amanhã.

No que diz respeito à aceitação de uma Igreja anglicana livre, sempre haverá intolerâncias e oposições; mas os próprios apóstolos eram portadores dessas contradições: *“Disse João: Mestre, vimos um homem expulsando demônios em teu nome e procuramos impedi-lo, porque ele não era um dos nossos”* (Lc 9.49). Não era o caso de que ele não fosse de Cristo; ele não era *um dos nossos*; ou seja, não fazia parte da “panelinha”. As certezas e os absolutos não gostam de ser abalados.

### *A inclusividade anglicana*

Uma característica-chave do anglicanismo é a inclusividade, a tendência a tolerar mutuamente experiências intraeclesiais distintas e até antagônicas (mesmo fora da Comunhão Anglicana, nas igrejas

anglicanas continuantes – cf. Lambeth/1998, Seção IV, 4.9, ou nas igrejas anglicanas confessantes (\*) – signatárias do GAFCON, Global Anglican Future Conference).

Entretanto, nem todos os assim denominados anglicanos assimilaram essa inclusividade que faz com que coabitem sob o mesmo codinome percepções e tendências teológicas divergentes. A intolerância e a arrogância se manifestam tanto em alguns setores da Comunhão Anglicana como nas Igrejas continuantes e confessantes.

A boa nova é que o sopro de Deus manifesta-se onde quer e, aos poucos, se vai percebendo que todos os que cremos em Jesus Cristo como único e suficiente Salvador formamos a Igreja una, santa, católica e apostólica de Cristo. E a melhor coisa que a Igreja tem para oferecer ao mundo decaído não é a sua denominação, o seu nome terreno, institucional, mas o Nome precioso de Jesus, a respeito de quem Pedro afirmou: *“Não há salvação em nenhum outro, pois debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos”* (At 4.12).

---

(\*) “Continuantes” e “Confessantes” são dois grupos de igrejas anglicanas que não estão em comunhão formal com o arcebispo de Cantuária, devido a divergências éticas e doutrinárias. A IEAL é filiada à Fraternidade dos Anglicanos Confessantes.

## *A fé dos anglicanos*

O anglicanismo histórico devota sua fidelidade à Bíblia Sagrada, nossa única regra de fé e prática, cujo conteúdo, crido como sendo a Palavra de Deus, define tudo o que é necessário para a nossa salvação eterna. Além disso, tem como símbolos de sua fé os Credos Apostólico e Niceno.

A Bíblia é lida e interpretada hoje à luz da razão e da tradição, para evitar que se caia em extremos e fanatismos, que seriam altamente prejudiciais à nossa fé.

No Breviário do LOC, há uma inscrição que demonstra o nosso compromisso com a Palavra de Deus: “Mostre-se-nos algo claramente estabelecido nas Escrituras Sagradas que ainda não ensinamos – e o ensinaremos. Mostre-se-nos algo de nossa doutrina e prática que seja evidentemente contrário às Sagradas Letras – e o abandonaremos”.

## *A oração*

Um outro aspecto importante do anglicanismo preservado pela IEAL é a oração. Ninguém pode legitimamente se considerar cristão se não se dedicar diariamente à oração. Orar é conversar com Deus.

Sem discursos ou impositação de voz, falamos com Deus sobre os nossos problemas, os nossos desafios. O Salmo 65.2, reza: “Ó tu, que ouves a oração” e é com essa certeza que nos aproximamos de Deus.

O LOC provê, entre outras, uma liturgia chamada *Ofício Diário* (orações *Matutina* e *Vespertina*), que pode ser usada em cultos públicos ou privados. Espera-se que cada anglicano ore pelo menos duas vezes por dia, de manhã e à noite. A oração pode ser formal, previamente redigida, ou pode ser espontânea. É conveniente também que seja mesclada com a leitura da Bíblia, para que Deus nos fale através da sua Palavra.

Rezar sozinho nem sempre é fácil; por isso, a Igreja estimula a oração comunitária, nas reuniões ou nos grupos de oração. Ninguém quer que você seja uma ilha, vivenciando solitariamente um cristianismo particular.

## ***Os sacramentos***

A definição clássica diz que sacramento é “um sinal externo e visível de uma graça interna e espiritual”. São dois os sacramentos da fé cristã: o batismo e a eucaristia, ambos ordenados diretamente por Cristo. Mas no ensino e na tradição da Igreja, há

cinco outros assim chamados “sacramentos menores” ou ritos sacramentais: confirmação, confissão, matrimônio, unção dos enfermos e ordem.

As Igrejas anglicanas são igrejas sacramentais; creem que os sacramentos são meios através dos quais a graça de Deus se manifesta em nossas vidas e “imprimem caráter”, quer dizer, tornam-nos mais parecidos com o que Deus desejou para nós.

### ***O batismo***

Esta é a ordem do Senhor Jesus: *“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”* (Mt 28.19). Este é o ensino dos apóstolos: *“Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo”* (At 2.38). Esta é a prática da Igreja: *“... o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles; tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus”* (At 8.16); *“Então ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo”* (At 10.48).

O batismo é a porta de entrada da vida cristã. Por isso, as Igrejas anglicanas costumam batizar os recém-nascidos. Mas há também os que creem que se deve batizar depois que a criança cresce e se torna

consciente de que é pecadora, arrepende-se e pede o batismo.

O uso da água nas cerimônias religiosas era um costume muito antigo, que apontava para a necessidade de purificação moral (Nm 19; Sl 51.7). A água, por si só, não pode purificar o homem, não tem qualquer valor sobrenatural, mas tem um significado simbólico muito grande (At 22.16; Is 1.16).

A purificação mística, da qual a água é símbolo, faz parte do ensino do Novo Testamento: *“Nela [a arca de Noé] apenas algumas pessoas, a saber, oito, foram salvas por meio da água, e isso é representado pelo batismo que agora também salva vocês – não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus – por meio da ressurreição de Jesus Cristo”* (1 Pe 3.20-21). A lavagem em água (o batismo) produz, não uma limpeza física, não a “remoção da sujeira do corpo”, mas uma limpeza interior, “o compromisso de uma boa consciência diante de Deus”.

O batismo é comparado a um sepultamento (Rm 6.3-4). Este é o significado do termo grego *baptismos*: mergulho, imersão. Esse “sepultamento” ocorre porque já morremos com Cristo (Rm 6.6); mas em seguida ressuscitamos com ele (Rm 6.4-5).

Portanto, se você ainda não foi batizado ou tem qualquer dúvida sobre o seu batismo, entre em contato conosco para receber as devidas orientações.

## *A eucaristia*

A pergunta 21 do nosso Ofício de Instrução é: “Para que foi instituído o sacramento da ceia do Senhor?”. Resposta: “Para memória perene da morte de Cristo e dos benefícios conquistados para nós na cruz”. Por isso, a eucaristia é o ato central do nosso culto. A igreja local é denominada “comunidade eucarística”.

Este sacramento recebe entre nós vários nomes: eucaristia, ceia do Senhor, missa, comunhão, e é administrado com pão e vinho, sendo presidido por um bispo, sucessor dos apóstolos, aos quais Jesus ordenou: “... *façam isto em memória de mim*” (1 Co 11.24), ou por um presbítero (pastor ou padre) ordenado por um bispo para auxiliá-lo nas responsabilidades apostólicas e pastorais.

Em nossa Igreja, todos os que são de Cristo são convidados à mesa do Senhor para, envoltos no mistério da fé, alimentar-se do Corpo e do Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.

## *A confirmação*

De acordo com a Palavra de Deus e seguindo uma antiquíssima tradição, a Igreja confirma sacramentalmente as pessoas que demonstram o firme propósito de seguir a Jesus Cristo e desejam renovar os compromissos assumidos no batismo.

A confirmação é feita com a imposição das mãos do bispo, após um período de discipulado (catequese) e discernimento. Este rito é um dos meios pelos quais a graça de Deus é transmitida e em casos especiais o bispo pode autorizar um presbítero a administrá-lo.

O rito da confirmação não deve ser oficiado quando há obstáculos justificáveis; por exemplo: vida sexual contrária aos preceitos bíblicos (homossexualismo, prostituição, fornicação, etc.); situação conjugal irregular (bigamia, concubinato, etc.) e outras irregularidades que possam ser justificadas biblicamente, de acordo com o consenso histórico e católico da Igreja. Quando a pessoa nega a fé e não confessa Jesus como Salvador também não deve ser confirmada.

A Igreja, porém, acolhe maternalmente e dá acesso aos sacramentos àqueles que estão sinceramente esforçando-se para superar tais condições reprováveis.

Os benefícios da confirmação são múltiplos; entre eles, a fé das pessoas confirmadas é fortalecida; o discípulo demonstra sua responsabilidade para com a Igreja; a confirmação também permite à comunidade local reconhecer a vida espiritual de seus membros.

### *Confissão e absolvição de pecados*

A regra anglicana sobre a confissão sacramental é que todos *podem*, mas ninguém é *obrigado* a recorrer à confissão auricular perante um sacerdote. Por isso, este rito é pouquíssimo usado entre nós, embora algumas pessoas *devessem* confessar-se a um presbítero ou bispo. Quando revelamos a alguém os nossos pecados, segredos e pensamentos mais íntimos, estamos, ainda que com dificuldade, enfrentando-os de modo honesto e corajoso.

O sacerdote está obrigado a manter o mais absoluto sigilo a respeito dos fatos ouvidos na confissão. Ele ouve, sem necessariamente aconselhar ou emitir opinião, e profere a absolvição para que o penitente sinta-se confiante e seguro perante Deus, a quem tinha ofendido com seu pecado.

Este rito é muito útil quando um pecado específico e recorrente causa um persistente senso de

indignidade e culpa e dificulta o relacionamento da pessoa com Deus. O acolhimento pelo representante de Deus traz um bálsamo para a alma. Receber a absolvição pronunciada em nome de Deus produz libertação e paz, proporcionando a possibilidade de um recomeço, de uma nova vida na presença de Deus.

### *O matrimônio*

Desde o princípio, Deus instituiu o matrimônio, o qual é celebrado entre um homem e uma mulher, num ato público e solene, com testemunhas e presidido preferencialmente por um bispo ou presbítero. O desejo de Deus é que o homem não viva só, não caminhe sozinho. No casamento, homem e mulher se unem para juntos iniciar uma jornada rumo à felicidade conjugal e à procriação.

O ideal bíblico é que a união conjugal perdu-re “até que a morte os separe”, mas, infelizmente, devido à “dureza de coração” (Mt 19.8), isso nem sempre é possível. Sendo assim, sob certas circunstâncias e após a devida orientação pastoral, as pessoas divorciadas podem receber do bispo autorização para contrair segundas núpcias.

Entretanto, que isto não sirva de incentivo ao divórcio: “*Eu odeio o divórcio, diz o Senhor*” (Mt 2.16).

## *Unção dos enfermos*

O ministério junto aos doentes é muito importante para os anglicanos. Nós cremos no poder de Deus, por isso oramos pedindo a cura das enfermidades, não só do corpo mas também da alma, e em obediência ao que determinou o apóstolo Tiago, unguimos os doentes com óleo em nome de Jesus (Tg 5.14). São inumeráveis os casos de pessoas curadas milagrosamente após a unção.

## *Ordem*

Durante seu ministério terreno, Cristo escolheu doze apóstolos para darem continuidade à obra de evangelização que ele iniciou. Estes, por sua vez, escolheram sucessores, os quais através dos séculos foram transmitindo a outros a incumbência de alcançar os povos mundo afora com a mensagem da salvação.

Desse modo, o vínculo histórico com a Igreja apostólica ficou garantido e chegou até nós através das três ordens sagradas: bispos, presbíteros e diáconos, funções essas que podem ser exercidas tanto por homens quanto por mulheres.

## *Conclusão*

Agora que você conhece um pouco do que é ser anglicano, quero lhe dizer que a diferença entre *frequentadores* e *membros* da Igreja é determinada pelo compromisso que cada um tem com ela. Cristo, por exemplo, totalmente comprometido, “... *amou a igreja e entregou-se por ela*” (Ef 5.25). Portanto, é necessário que as pessoas passem de frequentadoras a membros, assumindo o compromisso de imitar a Cristo e entregar-se sacrificialmente pela Igreja.

Diante disto, quero convidá-lo para fazer parte da nossa família e desfrutar as delícias de estar em comunhão com Deus e com seu povo.

Seja bem-vindo. (\*)

**+Bispo José Moreno**

bispo@anglicanalivre.org.br

---

(\*) Igreja Episcopal Anglicana Livre – Rua Machado Nunes, 175 Salgado Filho, Belo Horizonte/MG. Confirme os horários das celebrações pelos tels. (31) 4062-7631 e 4101-2101

# O que é ser anglicano



**IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA LIVRE**

(Igreja Anglicana das Américas)

Rua Machado Nunes, 175 Salgado Filho

30550-280 Belo Horizonte/MG

Tels. (31) 4101-2101 / 4062-7631

